

A dominação masculina. Formas (in)sustentáveis de ser homem e mulher _____

Tânia Mara Fonseca

Para Pierre Bourdieu, uma teoria científica pode se apresentar como um programa de percepção e ação, o qual poderá propiciar tomadas de posição tanto científicas quanto epistemológicas. Contudo, a relação estabelecida com tal 'programa' não deverá se caracterizar por atitudes de veneração que possam conduzir à probabilidade de se tomar como evidente tudo o que tal teoria ou teórico afirme, sendo necessário que se faça uma leitura epistemológica e sociologicamente crítica. O autor ilustra tal atitude do espírito científico com as metáforas da 'estalagem espanhola', para onde cada um leva o que quer consumir, e da música feita não para ser escutada, mais ou menos passivamente, ou mesmo executada, mas sim para fornecer princípios de composição¹. Efetivamente, Bourdieu não se parece com um 'entresourador' no sentido marxiano. Agindo de forma pragmática, ele rompe com o anacronismo, re-atualizando e re-temporalizando conceitos de autores canônicos como Marx, Weber e Durkheim, e ainda os de Foucault, Freud e alguns filósofos. E isso sem que os anuncie a cada passo. Sua forma de apropriação conceitual parece incorporar-se efetivamente a uma composição que é toda sua, fiel e ao mesmo tempo infiel às obras originais, mas re-

significadas pelo seu esforço em construir instrumentos de leitura que auxiliem na interpretação do mundo social.

Bourdieu não oferece somente um conhecimento; ele expõe seu próprio habitus, enquanto agente do poder simbólico, deduzindo-se de seu procedimento a forma pela qual as estruturas objetivas se tornam cognitivas, bem como as possibilidades de estratégias por parte dos agentes que, orientados pelo sentido do jogo, não se encontram plena e passivamente comandados pelas estruturas exteriores.

'Invenção dentro de limites', como se refere Connell², é o que Bourdieu ensina e produz, estando sua teoria e seu trabalho científicos centrados na interrogação sobre como um sistema opressivo e explorador se estabiliza e se reproduz. Bourdieu é daqueles teóricos sociais que apresentam uma forma de falar sobre o que significa viver no mundo, tendo construído uma teoria da prática, através da qual evidencia que o sistema de exploração é sustentado por forças que estão fora de sua própria 'economia'. Ele formula isso através dos conceitos de habitus, senso prático e estratégia, com os quais rompe com o ponto de vista objetivista e com a ação sem agente que o estruturalismo supõe.

Se eu tivesse que caracterizar meu trabalho em duas palavras (...), se eu tivesse que lhe aplicar um rótulo, eu falaria de *Constructivist structuralism* ou *structuralist constructivism*. Por estruturalismo (...) quero dizer que existem no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos (...) estruturas objetivas, independentes

¹ Pierre Bourdieu. *Cosas Ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1970, p. 234.

² R. W. Connell. A caixa preta do hábito nas asas da história: reflexões críticas sobre a teoria da reprodução social. *Teoria e Educação*, v. 1. Porto Alegre, 1990, p. 45-64.

da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas ou representações. Por construtivismo quero dizer que há, de um lado, uma gênese social de esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo habitus, e de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos³.

Bourdieu chama a atenção para o primado da razão prática, entendendo *le sens pratique* como produto do emprego de esquemas classificatórios manejados no estado prático, pré-reflexivo, possuidores de uma lógica, mas de uma lógica prática. Isso equivale a dizer que o autor não glorifica 'o dito saber popular', uma vez que o concebe como engendrado em meio às confusas vicissitudes e contradições da própria vida. Diz ele: "para saber o que as pessoas fazem, é preciso supor que elas obedecem a uma espécie de 'sentido do jogo' (...) e, para compreender suas práticas, é preciso reconstruir o capital de esquemas informacionais que lhes permite produzir pensamentos e práticas sensatas e regradas sem a intenção de sensatez e sem uma obediência consciente a regras explicitamente colocadas como tal"⁴.

Nesse sentido, Bourdieu caracteriza o trabalho do sociólogo como aquele encarregado de 'desfatalizar' e conceder oportunidade à razão, para que obtenha meios de escapar à história enquanto descobre sua historicidade. Ao historicizar, a sociologia desnaturaliza, e poderá encorajar um desencanto cínico enquanto descobre a coação até no íntimo do 'sujeito'. "Em suma, ele leva o humanista ao cúmulo do desespero ao mostrar a necessidade na contingência, ao revelar o sistema das condições sociais que tornou possível

uma determinada maneira de ser ou de fazer... Miséria do homem sem Deus e sem destino de eleição, que o sociólogo apenas revela"⁵.

Assim é que o trabalho de Bourdieu se torna útil às análises da questão do gênero, visto que seus conceitos, além de se inserir como instrumentos importantes para as tentativas de compreensão dessa instituição milenar, que é a da dominação masculina, oferecem oportunidade para uma posição científica e epistemológica que não se situa no pólo dos deterministas estruturais nem tampouco no dos subjetvistas. O reconhecimento da complexidade ontológica, gerada pelo habitus, entre os campos sociais e seus agentes, a importância de se entender a distinção entre os agentes a partir da introjeção, pelos mesmos, dos princípios de visão e de di-visão inscritos nas estruturas objetivas dos campos e dos grupos e, ainda, a observação das regularidades e das irregularidades das práticas e das estratégias, que além de romper com a ideia dos sujeitos enquanto meros suportes da ideologia oferecem a noção de uma atuação existencial dentro de limites, esses são alguns dos estímulos que conferem a Bourdieu a qualidade de 'companheiro intelectual' a quem se pode pedir uma mão quando necessário.

Por conseguinte, toma-se importante realçar as críticas que lhe são imputadas, em especial as de Conell⁶, que me parecem bastante diretas, e as de Rockwell⁷ que questionam, sob diversos ângulos, as características do processo reprodutivo. A principal crítica feita por esses autores é a de que Bourdieu é deficiente por não reconhecer as des-continuidades do processo histórico, a conflitualidade no próprio processo de socialização, pautando-se por formas sociais de ser e de fazer homogêneas e unificadas, des-

³ Pierre Bourdieu. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, p. 311.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

⁶ R. W. Conell. Op. cit.

⁷ Etlis Rockwell. *Como Observar a Reprodução. Teoria e Educação*, v. 1. Porto Alegre, 1990, p. 65-78.

conhecendo as lutas fragmentárias e as análises de possibilidades. Com isto, Bourdieu poderia ser interpretado como aquele que transforma o processo da reprodução em produção de cópias e réplicas.

Para Rockwell⁹, por exemplo, é necessário que se formule a determinação da reprodução em termos mais históricos, vinculados às lutas sociais concretas, o que possibilitaria a distinção de movimentos contraditórios de reprodução, coexistentes numa mesma formação social. Reforçando-se em autores como Thompson e Williams, Rockwell diz que "a determinação da reprodução dá-se no processo de lutas sociais e, não como 'efeito' de alguma estrutura social essencial".

Enfim, as críticas providas de autores diversos se assemelham nas diferenças e conduzem a uma idéia de que a reprodução é apenas *um* entre vários processos que constituem historicamente as realidades. Contudo, o que mais se observa nos 'ditos' de Bourdieu sobre tais questões críticas soa como indignação de sua parte, como forte argumentação para esclarecer seus esforços em afastar-se, em recusar uma posição teórica que implicasse na exclusão dos agentes sociais. A esse respeito, numerosos argumentos são enunciados, imbricando-se diretamente sua crítica ao 'fatalismo', 'à naturalização', 'à des-historicização'.

É verdade, no entanto, que deva existir algo mais do que o 'devotamento ao destino' evidenciado em seu trabalho empírico. Seu conceito de estratégia, no meu entender, não chega a esgotar suas potencialidades quando aplicado ao mundo social, resultando, quase sempre, em armadilha da própria reprodução. Contudo, é bastante provocador o fato de que, sob a aparência de novas, as próprias práticas sociais ainda parecem funcionar como grande eco da repetição, não se verificando, desde que se aplique certo rigor ao que se entenda por mudança, evidências de transformação estrutural nos

campos e nos grupos sociais. Os princípios classificatórios, colocados na própria divisão social, e que operam nos sujeitos como percepção dialéctica (juízo, análise e compreensão que separam), parecem ainda se constituir nos próprios esquemas gerativos das práticas. As práticas não parecem ter confirmado, nos dias atuais, seu caráter de racionalidade e de deliberação consciente. Ao contrário, consagram-se como permanentemente inscritas nas obscuridades do habitus, movendo-se pela necessidade que se tornou virtude, identificando as disfunções e afirmando suas diferenças sem necessidade de querer fazê-lo, fazendo-as ser de acordo com o dizer, marcando-as pela naturalidade, pela qual basta ser o que se é para ser o que é preciso ser.

São conhecidos hoje como deficitários os 'avanços' da consciência no sentido da transformação social; são ainda sabidos os esforços do capitalismo, por exemplo, na esfera da produção, para obter uma apreensão cada vez mais totalizante e individualizante dos/as trabalhadores/as, através da gestão do que Stephen Wood denomina de 'qualificações tácitas ou implícitas', ou seja, as não adquiridas no sistema formal instrucional; os próprios movimentos patronais no sentido do 'holismo' podem se apresentar como expressão de que os esforços de dominação, com vistas à exploração, não se contentam mais com as 'ditas' consciências objetivas e com as 'meras' qualificações técnicas. O ser do trabalhador/a, envolvendo toda e qualquer classificação que o constitui, identifica-o e o distingue (raça, gênero, classe, religião etc), é requisitado, é mobilizado com vistas ao proveito de suas potencialidades globais, não se verificando a contrapartida de 'remuneração' sobre tais qualificações aprendidas tacitamente.

Ou seja, os processos de dominação e exploração entrelaçam-se de forma perversa e requintada, enquanto supõem e propõem a gestão, não mais de força de trabalho, mas dos próprios homens e mulheres, enquanto agentes produtores. Dian-

⁹ Idem.

te disso, não parecendo haver motivos para glorificação das proclamadas 'mudanças', apontadas neste momento tão somente do ponto de vista da produção econômica, é que Bourdieu se torna importante para encorajar o 'desencantamento da experiência dóxica', em que tudo pode ser percebido como natural e evidente, visto que as tendências imanentes da ordem estabelecida vêm continuamente ao encontro de expectativas espontaneamente dispostas a antecipá-las.

A construção social dos sexos como somatização da dominação

A ênfase dos estudos sobre gênero constitui-se em fato capaz de evidenciar que a produção científica se esforça por visibilizar as identidades mesmas dos agentes sociais, abrindo-lhes espaço e desafiando-os do peso determinístico, seja das estruturas sociais, seja dos próprios conceitos universalizantes nos quais eles se encontram alocados. Assim, as formulações a respeito evitam colocar-se em termos de 'macro e micro', construindo uma outra ordem de complexidade para a análise do social. Junto à escala estrutural é acrescida a da conjuntura, na qual os conteúdos se reproduzem na medida de sua vigência política, o que delimita o processo de reprodução à própria temporalidade histórica. Admitindo-se a história tecida no cotidiano da vida e dando conta de como os seres humanos produzem sua existência, trata-se, antes de tudo, de introduzir no conceito de ação a própria noção de autores da mesma. A visibilidade da face dos agentes foi por muito tempo formatada (e negada) segundo a visão de classe social, a qual exclui, em sentido estrito, a possibilidade de percepção e reconhecimento de diferentes facetas e seus intercruzamentos no mesmo sujeito. O desvelamento da importância de se reconhecer outras categorias, como as de raça e gênero, por exemplo, indicam a des-canonização do conceito de classe, como totalizante, para

dar conta da biografia social dos indivíduos. Questiona-se, outrossim, os próprios princípios de uma ciência androcêntrica, mobilizando-se, desde então, novas potencialidades para os estudos sociais. Uma das decorrências importantes remete à compreensão do movimento histórico como imbricado às lutas sociais, lutas estas realizadas por sujeitos concretos, cujas identidades são atravessadas e construídas a partir da inclusão de todos os seus caracteres biológicos, econômicos e sociais. Bio, sócio e econômico seriam os intercruzamentos possíveis na construção do sujeito social, donde se funda uma racionalidade de ordem complexa e multidimensional.

Os estudos de gênero apontam para essa direção da ciência, ao mesmo tempo que se recusam a aceitar os padrões masculinos universalizados da própria produção científica, a partir dos quais se hegemonizaram esquemas dominantes de produção de saber. Vale lembrar, contudo, que embora numerosas/as estudiosos/as afirmem a necessidade de articular essas diferentes categorias (raça, classe e gênero) e sejam mesmo ensaladas aproximações teóricas que as levem em consideração (Joan Scott, 1990, Madeleine Arnot, 1987, Jean Anyon, 1990, Heleieth Saffioti, 1992, Michael Apple, 1987 e 1988, e outros), este ainda é um terreno onde todos se movimentam com extrema cautela, onde são frequentes os tropeços e onde, algumas vezes, acaba-se por preferir as rotas mais conhecidas⁹.

De outro lado, torna-se importante realçar que tais análises se dispõem a diferenciar, ou seja, a reconhecer a realidade social não como unidade homogênea e indiferenciada, mas percebê-la em suas

⁹ Guacira Lopes Louro, *Uma Leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. Teoria e Educação*, v. 1. Porto Alegre, 1990, p. 53-67.

nuanças e fragmentaridades, abandonando, por conseguinte, a concepção de modelos totalizantes. É o próprio conhecimento e a forma de produzi-lo que entram em questão, uma vez admitido que o tecido social se faz a partir de inúmeras redes e tramas, ficando ao 'conhecedor' a consciência de sua incompletude, bem como a realidade dos limites que poderão operar como desafio à pesquisa interminável. Ciência compromissada em conhecer o sentido da experiência humana¹⁰ e que, portanto, desloca a ênfase posta na causa para a ênfase posta no sentido; ciência cujas análises possibilitam

reconstituir e restituir as incontáveis ações e interações, em que incontáveis agentes investiram seus interesses específicos, totalmente estranhos em intenção ao resultado para o qual eles, no entanto, concorreram (...) [ciência que] deve ao menos saber e lembrar que as tendências mais globais, as coações mais gerais só se realizam através do mais particular e do mais accidental, ao acaso das aventuras, encontros, ligações e relações aparentemente fortuitas que desenharam a singularidade das biografias¹¹.

Saffioti auxilia: "Pensar os agrupamentos humanos como estruturalmente dados, quando a estrutura consiste apenas de uma possibilidade, significa congelá-los, retirando da cena a personagem central da história, ou seja, as relações sociais"¹².

É deste ângulo que hoje se reconhece a sociedade como capitalista e patriarcal, constituindo-se, portanto, tanto o capitalismo como o patriarcado, em estruturas fundantes, estruturadas e estruturantes. A concepção que orienta os estudos de gênero fundamenta-se, por consequin-

te, no tratamento de ambos, capitalismo e patriarcado, como sistemas autônomos, mas interligados, sendo que suas dinâmicas se influenciam reciprocamente, entendendo-se que, nessa interdependência, ambos se auxiliam na consecução de sua reprodução. Evidências históricas, não obstante, mostram que o patriarcado, como estruturador das relações sociais entre homens e mulheres, tem transcendido o próprio capitalismo, por sua resistência de séculos, acompanhando as referentes formações sócio-econômicas, transmutando-se nas formas, mas guardando sua inflexível caracterização política de subordinar as mulheres aos homens¹³.

As formas de ser homem e mulher têm se incluído no que se pode denominar 'formações históricas', ou seja, devem ser circunstanciadas ao espaço e ao tempo em que se manifestam, definindo-se, portanto, como construções sociais e históricas particulares de sujeitos femininos e masculinos, "construções estas que se fazem de acordo com diferentes modelos, ideais, imagens que têm as diferentes classes, raças, religiões etc. sobre mulher e sobre homem"¹⁴. Tal construção social dos sexos não se dá, contudo, sem atingir a reprodução do sujeito particular que, segundo Rockwell¹⁵, é o que delimita a escala mínima do processo reprodutivo, tornando-se a mesma, contudo, impensável fora da rede que a vincula com outras dimensões. A construção de gênero, portanto, está imbricada ao processo de socialização, formação e educação, tornando-se implícita sua discussão, desde que se queira compreender os processos sociais de formação das identidades masculina e feminina.

Tal temática é abordada extensamente por Bourdieu em *La Domination*

¹⁰ Joan Scott. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 15, n. 2. Porto Alegre, julho-dezembro de 1990, p. 5-22.

¹¹ Pierre Bourdieu. *Coloas Ditas*. Op. cit..

¹² Heleleth Saffioti. Rearticulando gênero e classe so-

cial. In: A. O. Costa & C. Bruschini (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 183-215.

¹³ M. Z. Rosaldo e L. Lamphere (coords.). *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio: Paz e Terra, 1979, p. 254.

¹⁴ G. L. Louro. Op. cit..

¹⁵ E. Rockwell. Op. cit..

*Masculine*¹⁶, estudo que oferece importantes subsídios à temática das relações 'generalizadas'. Através do trabalho etnográfico realizado numa tradição estrangeira, a dos montanheseos bérberes de Kabília, que "fizeram de sua cultura o conservatório de um antigo fundo de crenças iterrâneas organizadas em torno do culto da virilidade"¹⁷, Bourdieu elabora uma análise na qual considera a dominação masculina como a forma paradigmática da violência simbólica. Evidencia, assim, que a eficácia do poder simbólico se encontra na medida direta de seu ocultamento, de sua transfiguração nos modos codificados e ritualizados da própria cultura.

O 'sentido do jogo' é apreendido como capital cultural, assegurando comunicação entre os homens e as mulheres de Kabília, dentro de padrões ultra-consequentes do primado da masculinidade. Com a noção de habitus sexuado e sexuante, torna compreensível a forma pela qual a interação entre agentes e cultura produz formas de visão e de di-visão, o que lhes fornece não só o conhecimento do mundo social, como também a matriz possibilitadora da obtenção de tal conhecimento. As próprias estruturas cognitivas, como processo construído, não existem fora de sua relação com as estruturas objetivas, constituindo-se naquilo que estrutura o próprio indivíduo, tomado em sua totalidade tanto biológica como psíquica. O habitus sexuado e sexuante torna-se um dos mediadores da relação social dos agentes, os quais funcionam de acordo com as disposições que lhes foram inculcadas, mas que existem como interioridade apropriada, seja para perceber, seja para julgar e agir. Através do habitus, como cumplicidade ontológica e que funciona quase como um superego, "as formas de classificação social deixam

de ser universais (transcendentais) para se tornarem (...) formas sociais, quer dizer, arbitrárias (relativas a um grupo particular) e socialmente determinadas"¹⁸.

O poder simbólico frutifica nessa possibilidade de se estabelecer uma ordem gnoseológica que, possibilitando o sentido imediato do mundo, supõe o conformismo lógico, exercendo sua autêntica função política, em que a integração lógica é a condição da integração moral.

Para Bourdieu, a cultura que une também separa, e os sistemas simbólicos cumprem a função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, contribuindo assim para a 'dominação dos dominados'. Se as estruturas simbólicas têm um extraordinário poder de 'constituição', poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), elas devem sua força, no entanto, ao fato de que as relações de força que nelas se exprimem só se manifestam sob forma transfigurada e irreconhecível de sentido.

É apenas por causa de sua capacidade de 'deslocação' que o poder simbólico se torna reconhecido, ou seja, ignorado como arbitrário, possibilitando a crença compartilhada a respeito do sentido do jogo concorrencial específico ao campo. Os atores, regrados pela 'lógica do jogo', só realizam as ações que podem efetivamente realizar, apresentando regularidades de práticas que expressam obediência às regras, sem que eles saibam, e ainda orientam-se no sentido da 'maximização de lucros'. É Ortiz¹⁹ quem sintetiza a idéia de que a crença coletiva que solda, no interior do campo, agentes em posições assimétricas de poder fundamenta-se no desconhecimento, pelos agentes, de que o mundo é um espaço de conflito e de concorrência entre grupos com interesses distintos. Sabendo-se que o habitus assegura a interiorização da exterioridade e

¹⁶ Pierre Bourdieu. *La domination masculine* (tradução de Guacira Louro, revisão de Tomaz Tadeu da Silva). *Actes de La Recherche*, n. 84. Setembro de 1990.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Pierre Bourdieu. *Coisas Ditas*. Op. cit..

¹⁹ Renato Ortiz (org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983, p. 191.

adequa a ação do agente a sua posição social, tem-se que as diferenças se objetivam nas disposições que possuem os indivíduos para legitimar os valores dominantes, inscrevendo-se naqueles como uma forma de conhecimento que desconhece e não apreende a sociedade como estratificação de poder.

Assim é que em Kabília a divisão sexual, que enuncia o primado da virilidade, parece estar na 'ordem das coisas', constituindo-se numa autêntica experiência dóxica, que se consolida na concordância entre as estruturas objetivas e as cognitivas, excluindo o questionamento herético. "Esta experiência é a forma mais absoluta do reconhecimento da legitimidade: ela apreende o mundo social e suas divisões arbitrárias, a começar pela divisão social construída entre os sexos, como naturais, evidentes, inelutáveis"²⁰. Divisão esta que não apenas diferencia, mas subordina e desiguala a mulher em relação ao homem, concebendo-a desde o nascimento como entidade negativa, ou seja, que se identifica pelo que não possui, portanto, entidade de falta. Estando a mulher excluída e identificada com um sistema simbólico que a coloca sempre em oposição homóloga ao homem, adjetivada pelo preconceito desfavorável, resulta que ambos, sendo semelhantes na diferença, são suficientemente concordantes para se sustentarem mutuamente. Nascidos com a distinção natural, ou seja, bastando-lhes ser o que são para ser o que é preciso ser, seu habitus sexuado, natureza socialmente constituída, ajusta-se de imediato às exigências do 'jogo', o qual é orientado por um conhecimento sem consciência e por uma intencionalidade sem intenção.

Constrangidos através do corpo, homens e mulheres tornam-se autênticos exemplos de somatização das relações de dominação, o que se dá através da "familiarização com um mundo simbolicamente estruturado, como de um trabalho

de inculcação coletivo, mais implícito do que explícito (...), pelo qual se opera uma transformação durável dos corpos e da maneira de usá-los"²¹. Tal trabalho de inculcação se orienta pela idéia de corpo como um *pense bête*, o que significa tornar necessário cultivar-lhe uma outra natureza, a da cultura, sempre contrária à natureza biológica.

O golpe de força que o mundo social exerce sobre cada um dos sujeitos consiste em imprimir em seu corpo (...) um verdadeiro programa de percepção, de apreciação e de ação que, na sua dimensão sexuada e sexuante, como em todas as outras, funciona como uma natureza (cultivada, segunda), isto é, com a violência imperiosa e (aparentemente) cega da pulsão ou fantasma (...) Ao se aplicar a todas as coisas do mundo, a começar pela natureza biológica do corpo (...) este programa social naturalizado constrói a diferença entre os sexos biológicos de acordo com os princípios de divisão de uma visão mítica do mundo, princípios que são eles mesmos o produto da relação arbitrária da dominação dos homens sobre as mulheres, a qual está inscrita na realidade do mundo, enquanto estrutura fundamental da ordem social²².

Assim, o devotamento ao destino natural parece ser o sentido das práticas, uma vez observarem-se, nos jogos sociais, a disposição do herdeiro (homem) em aceitar sua herança e sua nobreza, e igual disposição da des-herdada em aceitar sua natureza de excluída e 'viscosa'. Através de verdadeira "ação psicossomática", as diferenciações sexuais organizam a hexis corporal e as pulsões mais obscuras do inconsciente, a serviço da celebração do corpo como suporte da distinção. O

²⁰ Pierre Bourdieu. La domination masculine. Op. cit..

²¹ Idem.

²² Idem.

reforçamento de tais simbolismos encontra-se reiterado nas próprias práticas dos agentes sexuadaos, que, orientados pela 'profecia auto-realizadora', realizam eles próprios, em si e por si, a enunciação do poder simbólico. Coação tornada consentimento, constrangimento tomado subjetividade, evidenciam a intensidade de um processo de reforçamento e circulação de mútua ratificação, no qual as heresias ou heterodoxias muitas vezes servem para 'avivar a fé', visto manterem-se intactos os princípios mesmos de divisão do campo social.

De particular interesse na análise de Boudieu é a forma como ele discute as 'obrigações' do dominante, no sentido da honra, circunscrevendo-o a um jogo de disputas pelo poder e pela virilidade, enfim pelo que é considerado honroso. Um jogo que lhe imputa a compulsão a uma "espécie de esforço desesperado, e tão patético, em sua inconsciência triunfante, que todo homem deve fazer para estar à altura de sua idéia infantil de homem"²³.

Os homens também são dominados, mas desta vez pela *illusio dominandi* que faz o homem verdadeiramente homem. É o princípio indiscutido de todos os deveres em relação a si mesmo, o motor ou o móvel de todas as ações que alguém 'se deve', isto é, que se deve realizar para estar em ordem consigo mesmo, para permanecer digno a seus próprios olhos de uma idéia (recebida) de homem.

É assim, mediante a coerência de seu sistema de pensamento, que se encontra em Bourdieu aquela 'generosa' oportunidade de, em sendo mulher, e reconhecendo a necessidade de emancipação dos condicionamentos sociais que transformaram o sexo feminino em portador e símbolo de desigualdade e inferioridade social, ao mesmo tempo compreender também a problemática dos homens, não lhes imputando o lugar de algozes unilaterais, dos quais nós mulheres seríamos as vítimas destroçadas.

Nesse processo social, analisa-se muito mais do que a dominação masculina. Analisa-se a forma mesma de produzi-la e inscrevê-la nas subjetividades dos homens e das mulheres, forma que está anteriormente definida no próprio campo social, o qual não é o resultado das ações dos indivíduos, mas ele próprio sendo estruturante porque estruturado por relações de poder, "o que implica afirmar que ele se estrutura a partir da distribuição desigual de um quantum social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu seio"²⁴.

²³ Idem.

²⁴ R. Ortiz. Op. cit..